



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Março/2022 #21



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Março/2022 #21

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Ricardo Eleutério Rocha

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Felipe Bezerra dos Santos

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Francisco Alberto Lima de Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Maurício Teixeira Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza – Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção

do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 21ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião da economista Laura Lúcia Ramos Freire, do conceituado Etene/Banco do Nordeste, intitulado “**O Nordeste e o Comércio Exterior com Rússia e Ucrânia**”. Na sequência da presente edição o leitor encontrará um panorama sobre a economia internacional e nacional com projeções do PIB das principais economias para o biênio 2022-2023; o comportamento da taxa de câmbio, da Selic, da inflação e do mercado de trabalho. Destaque especial no presente documento para as previsões elaboradas para o PIB do Brasil e do Ceará para os anos de 2022 e 2023 em três cenários possíveis: pessimista, provável e otimista. A última seção do Boletim apresenta a evolução das ações das empresas cearenses listadas em bolsas de valores, medida pelo **Índice de Ações Cearenses - IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR**.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

O NORDESTE E O COMÉRCIO EXTERIOR COM RÚSSIA E UCRÂNIA

Laura Lúcia Ramos Freire ¹

No último mês de fevereiro, a Rússia invadiu o território ucraniano. A duração e amplitude dessa invasão, bem como as sanções adotadas pelos países ocidentais, definirão a intensidade dos efeitos políticos, econômicos, comerciais, sociais e humanitários sobre as economias mundial, nacional e regional.

Dentre as sanções já impostas pelos governos ocidentais sobre a Rússia estão: a retirada de bancos russos do sistema internacional de pagamentos (Swift), congelamento de parte das reservas internacionais, interrupção de transporte de contêineres, fechamento do espaço aéreo, saída de empresas globais do território russo, etc. Estas sanções têm impacto nas cadeias globais de suprimentos, ocasionando interrupções ou atrasos e nos custos logísticos.

As consequências, tanto do conflito, como das medidas econômicas, repercutirão no comércio internacional. A Rússia é o 2º maior produtor mundial de petróleo e gás natural, bem como importante exportador de fertilizantes e grãos (milho, trigo). A Ucrânia também figura como um dos principais exportadores de trigo e milho. Commodities estas que já estão sofrendo aumento de preços, provocando elevação de juros e menor expectativa de crescimento econômico global.

Em 2021, as exportações nordestinas somaram US\$ 21,2 bilhões. À Rússia, foram destinadas 0,16% (US\$ 33,0 milhões) das vendas externas. Desse total, 84,93% foram para os seguintes produtos: Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (28,78%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (23,63%), Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (15,59%), Café não torrado (12,52%) e Álcoois, fenóis, fenóis-álcoois, e seus derivados (4,42%).

Já a Ucrânia, em 2021, absorveu 0,01% (US\$ 2,1 milhões) das vendas externas nordestinas. Os produtos enviados Café não torrado (67,90%), Calçados (17,11%), Especiarias (7,24%), Fios especiais, tecidos especiais e produtos relacionados (3,08%) e Pigmentos, tintas, vernizes e materiais relacionados (1,90%) responderam por 97,23% do total exportado.

Das importações totais nordestinas (US\$ 25,1 bilhões), 2,50% tiveram como origem a Rússia. Foram adquiridos pela Região: Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (54,63%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados (10,75%), Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (10,62%), Preparações e cereais, de farinhas, ou amido de frutas ou vegetais (6,58%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (6,11%) representando 88,58% do total.

As importações oriundas da Ucrânia atingiram apenas 0,15% das aquisições nordestinas. Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados (56,62%), Outros medicamentos, incluindo veterinários (38,25%), Polímeros de cloreto de vinila ou de outras olefinas halogenadas (3,24%), Pneus de borracha, bandas de rodagem intercambiáveis, flaps e câmaras de ar para rodas (1,14%), Tubos e perfis ocos, e acessórios para tubos, de ferro ou aço (0,26%) representaram 99,5% do total importado pela Ucrânia.

Em termos de peso do produto exportado e importado para os dois países, relativamente ao total exportado/importado do produto pela Região, apenas 2,67% do Café não torrado exportado pela Região tem como destino a Rússia e 0,45% a Ucrânia. Por outro lado, as importações desses países têm peso maior na pauta nordestina: 22,37% das aquisições da Região Adubos ou fertilizantes químicos adquiridos pela Região provêm da Rússia, bem como 31,50% dos Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, 15,87% do Trigo e 9,11% do Carvão.

Já as compras de Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado e de Outros medicamentos, incluindo veterinários oriundas da Ucrânia representaram 10,11% e 36,94%, respectivamente, do total importado desses produtos pela Região, em 2021.

Nos três primeiros meses desse ano, as exportações nordestinas com destino à Rússia somaram US\$ 5,62 milhões (0,10% do total exportado pelo Nordeste), registrando expressivo crescimento de

128,34%, relativamente a mesmo período do ano passado. Já as importações oriundas da Rússia representaram 2,29% do total das aquisições nordestinas do exterior, atingindo US\$ 187,27 milhões, incremento de 6,50% no período em foco.

Para a Ucrânia, as exportações e importações alcançaram US\$ 0,67 milhão (0,01% do total) e US\$ 4,40 milhões (0,05% do total), respectivamente. Entretanto, enquanto as exportações cresceram 42,36% as importações decaíram 64,79%, reflexo do atual conflito.

Vale ressaltar que o saldo da balança comercial da Região foi deficitário tanto com a Rússia (-US\$ 181,65 milhões) quanto com a Ucrânia (-US\$ 3,74 milhões), neste primeiro trimestre de 2022.

Embora a participação relativa do comércio exterior do Nordeste com a Rússia e Ucrânia seja relativamente baixa, estes são fornecedores estratégicos de matérias primas. Alguns setores/empresas podem ter impactos relevantes, principalmente, pelo lado das importações, como o agronegócio por falta de fertilizantes. A captação de novos mercados para inserção de produtos ou de novos fornecedores levará algum tempo, impactando a dinâmica do comércio regional.

Por fim, a crise no Leste europeu, direta ou indiretamente, reverberará por toda a economia mundial. Na Região Nordeste e no País como um todo, os efeitos já estão sendo sentidos: através do aumento nos preços das commodities metálicas, energéticas (petróleo, gás e derivados) e agrícolas (soja, milho, trigo, etc).

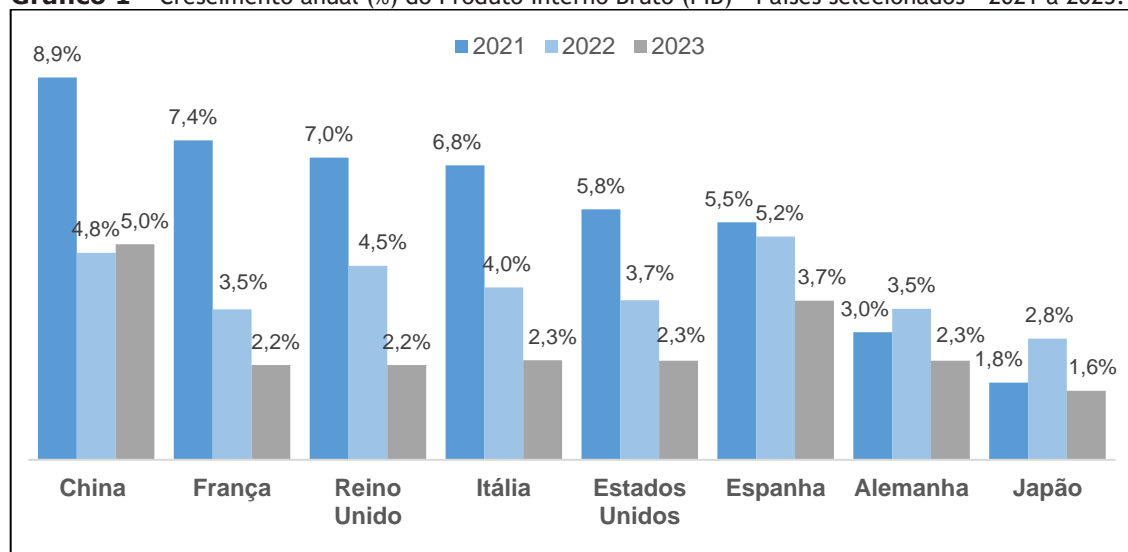
¹ Economista do Eteno/Banco do Nordeste.

CENÁRIO MUNDIAL

O crescimento do PIB das maiores economias do mundo em 2021 reflete o esforço dos governos desses países, que implementaram políticas econômicas de caráter expansionistas visando recuperar as quedas registradas nos anos anteriores quando fortes medidas restritivas foram adotadas objetivando controlar a disseminação do Covid-19. Mesmo ainda com a presença da pandemia do Covid-19 no mundo, inclusive com novas variantes, a chegada das vacinas proporcionou a reabertura da economia, impulsionando o consumo de bens e serviços. Além da reabertura dos comércios locais e da permissão para as pessoas saírem de casa, as fronteiras também foram reabertas para os turistas, o que ajudou muito no mercado de turismo e de serviço mundial.

O Gráfico 1 a seguir traz as previsões da Euromonitor para as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de algumas das maiores economias no mundo. A China, segunda maior economia do globo, se destaca nesse grupo de países, com o maior aumento do PIB em 2021 (8,9%), seguida pela França (7,4%), Reino Unido (7,0%), Itália (6,8%), Estados Unidos (5,8%), Espanha (5,5%), Alemanha (3,0%) e Japão (1,6%). De acordo com a Euromonitor, as citadas economias provavelmente terão uma leve desaceleração em 2022 e 2023, com algumas nações tendo uma redução de até 50% em relação a 2021. Mesmo com a redução do número de infecções e com a maioria dos países retirando a classificação de pandemia para a Covid-19, a citada desaceleração no crescimento do PIB se deve as expectativas de uma inflação global alta, que já é realidade na maioria das economias avançadas do mundo, no qual gera um forte impacto negativo no crescimento dessas economias. O atual conflito entre Rússia e Ucrânia acentua esse cenário, impactando bastante os preços das commodities, como o petróleo e o gás natural, com esse primeiro tendo chegado a sua máxima histórica em março de 2022.

Gráfico 1 - Crescimento anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2021 a 2023.



Fonte: Euromonitor/Macro Model Euromonitor Baseline - Atualizado em 29/03/2022.

CENÁRIO NACIONAL

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 4,6% frente ao ano de 2020, representando uma retomada da economia, levando em consideração que em 2020 o PIB fechou o ano com queda da -4,1%. Em relação ao comportamento dos setores da economia, no ano de 2021, houve crescimento nos Serviços (4,7%), Indústria (4,5%) e queda na Agropecuária (-2,0%) (Quadro 1)

Já Analisando o PIB Ótica da demanda de 2021, as Despesa de Consumo das Famílias apresentaram crescimento anual de 3,6 %, A Formação Bruta de Capital Fixo, teve um grande aumento de 17,2% no ano de 2021 em relação ao de 2020. A Despesa de Consumo do Governo também registrou um aumento de 2,0% no acumulado de todo o ano. Já no setor externo, as Exportações e Importações de Bens e Serviços cresceram respectivamente 5,8% e 12,4% no ano de 2021, em comparação com 2020.

Quadro 1 – Produto Interno Bruto e Componentes da Demanda - Brasil - 4º Trimestre e Ano de 2021.

Período de Comparação	Indicadores								
	Ótica da Oferta			PIB	Ótica da Demanda				
	AGROP.	INDUS.	SERV.		FBCF	CONS. FAM.	CONS. GOV.	Export.	Import.
4º Trimestre de 2021/ 3º Trimestre de 2021 (%)	5,8%	-1,2%	0,5%	0,5%	0,4%	0,7%	0,8%	-2,4%	0,5%
4º Trimestre de 2021/ 4º Trimestre de 2019 (%)	-0,8%	-1,3%	3,3%	1,6%	3,4%	2,1%	2,8%	3,3%	3,7%
Ano de 2021/ ano de 2020(%)	-2,0%	4,5%	4,7%	4,6%	17,2%	3,6%	2,0%	5,8%	12,4%
Valores Correntes no Ano de 2021 (R\$)	81,0 bilhões	416,8 bilhões	1,4 trilhão	2,3 trilhões	428,7 bilhões	1,5 trilhão	484,5 bilhões	439,8 bilhões	463,4 bilhões
Taxa de Investimento (FBCF/PIB) no 4º Trimestre de 2021 = 19,2%									
Taxa de Poupança (Poup/PIB) no 4º Trimestre de 2021 = 17,4%									

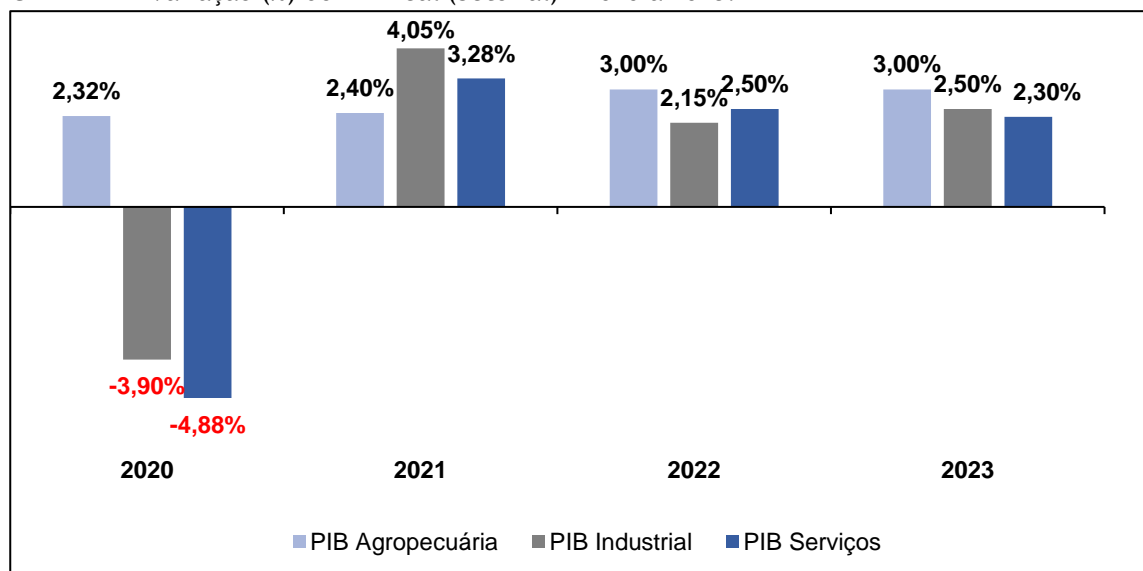
Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - IBGE. Elaboração Nupe/Unifor.

O Gráfico 2 mostra a variação percentual do PIB real do Brasil, no período de 2020 a 2023, por setores produtores da economia brasileira. Em 2022, a mediana das expectativas projetadas pelo relatório Focus/Bacen nos mostra que o setor da Agropecuária apresenta um crescimento de 3,0% em

relação a 2021. Sobre os setores da Indústria e Serviços, o mercado apresentou um crescimento de 2,15% para Indústria e 2,50% para Serviços, em 2022.

Para o ano de 2023, as projeções indicam o mesmo ritmo de crescimento para o setor agropecuário (3,00%), crescimentos para o setor da Indústria (+2,50%) e o setor de Serviços (2,30%). As expectativas são relativamente desprezíveis para 2023 em um cenário de indefinição, ainda devido a alta inflação causada pelos impactos da Covid-19, a falta de perspectivas em aprovações de reformas expressivas por parte do Governo em um ano eleitoral, e conflitos entre Rússia e Ucrânia.

Gráfico 2 - Variação (%) do PIB Real (Setorial) - 2020 a 2023.



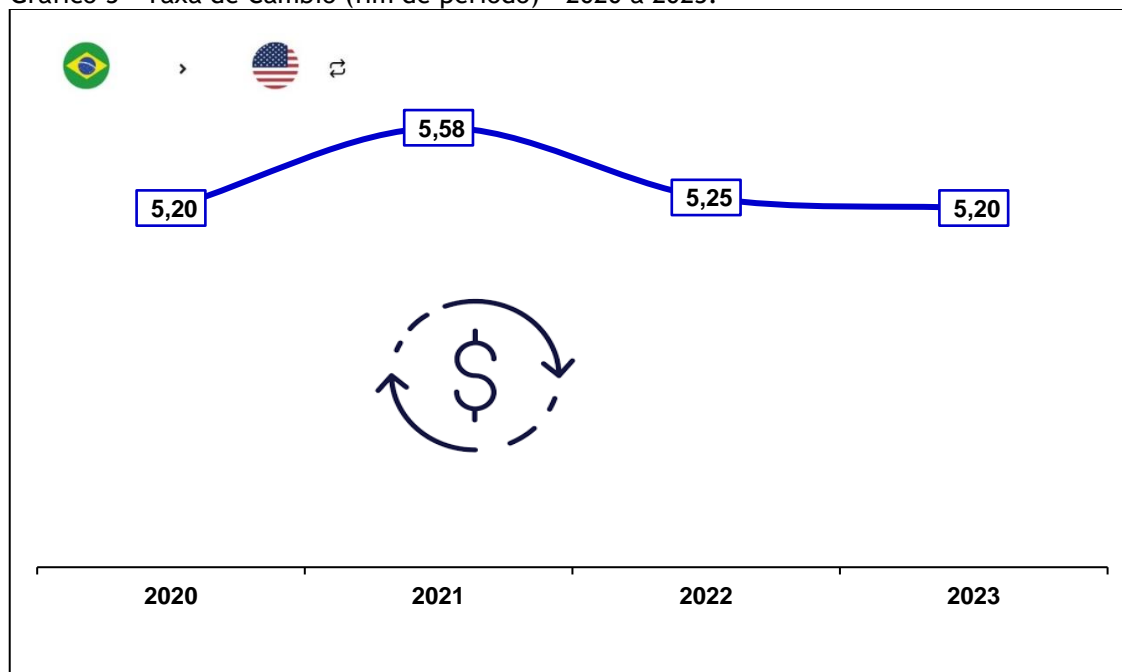
Fonte: IBGE e Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

No que se refere à taxa de câmbio (Gráfico 3), houve uma desvalorização do real frente ao dólar no período de 2020 a 2021, chegando ao valor de R\$ 5,58 no ano de 2021. Isso decorreu devido à pandemia do Coronavírus e as incertezas no cenário econômico do país. Com a pandemia, o governo começou a ter uma série de novas despesas como, por exemplo, auxílio para milhões de brasileiros. Com essa incerteza, gera-se uma dúvida referente à dívida pública, ou seja, se o Brasil irá conseguir pagar a sua dívida, impactando negativamente o fluxo de investimentos estrangeiros e, conseqüentemente, aumentando a desvalorização do real frente ao dólar.

No início de 2022, percebe-se uma valorização do real frente ao dólar, provocada, em grande medida, pela elevação dos preços das commodities. Adicionalmente, o movimento de forte alta dos juros no Brasil, aumentando o diferencial em relação aos juros nos EUA e de outras economias, têm contribuído para o fluxo de dólares para o país e a valorização do real em 2022. Com isto, o real foi a moeda que apresentou a segunda maior valorização frente ao dólar, dentre 120 países, no primeiro trimestre de 2022 (17,80%).

No final de março/22, quando a taxa de câmbio situava-se em torno de R\$ 4,77, o mercado previa uma lenta retomada da economia neste ano, apesar do arrefecimento dos efeitos da pandemia do Coronavírus, e sinalizava um realinhamento nas taxa de câmbio para os finais de 2022 e 2023, mas ainda configurando uma valorização do real comparativamente a 2021 (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Taxa de Câmbio (fim de período) - 2020 a 2023.

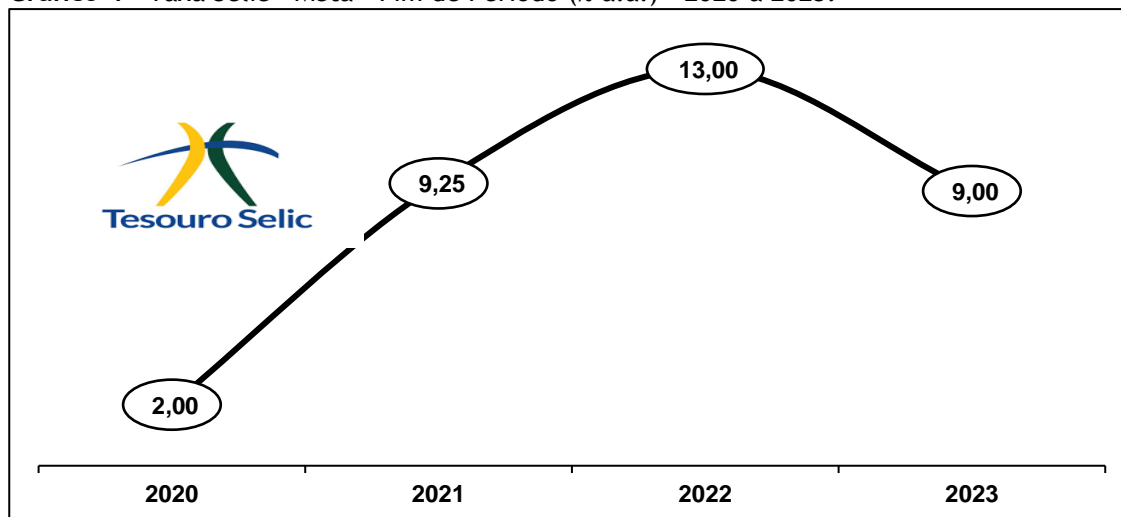


Fonte: Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

Em 16/03/2022, data da última reunião realizada pelo COPOM (Comitê de Política Monetária), mais uma vez a Taxa Selic foi elevada, passando de 10,75% para 11,75% ao ano. No entanto, essa elevação era esperada pelos investidores e analistas de mercados, já que 2020 foi um ano atípico, em que a taxa básica de juros atingiu seus menores níveis históricos. Além disso, ainda por consequência da pandemia, o Brasil enfrenta um período de inflação elevada, estando acima de 10% há mais de seis meses.

O Boletim Focus prevê que a Taxa Selic finalize o ano de 2022 em 13% ao ano e entende que ela deva ter uma certa efetividade no controle de inflação, apesar da persistência na alta nos preços, fomentada também pela guerra que ocorre entre Rússia e Ucrânia. Ademais, para o ano de 2023, é esperada uma Selic de 9% ao ano, considerada adequada para levar a inflação ao cumprimento das metas estabelecidas na política de 3,25% (tolerância de 1,5 pontos percentual para cima ou para baixo). Importante ressaltar que, a par de combater a inflação, a manutenção de uma taxa Selic elevada provoca efeitos diversos na economia, tais como a atração de capitais estrangeiros para o mercado financeiro, por um lado, mas também a inibição do investimento produtivo e a elevação da dívida pública, por outro.

Gráfico 4 - Taxa Selic - Meta - Fim de Período (% a.a.) - 2020 a 2023.

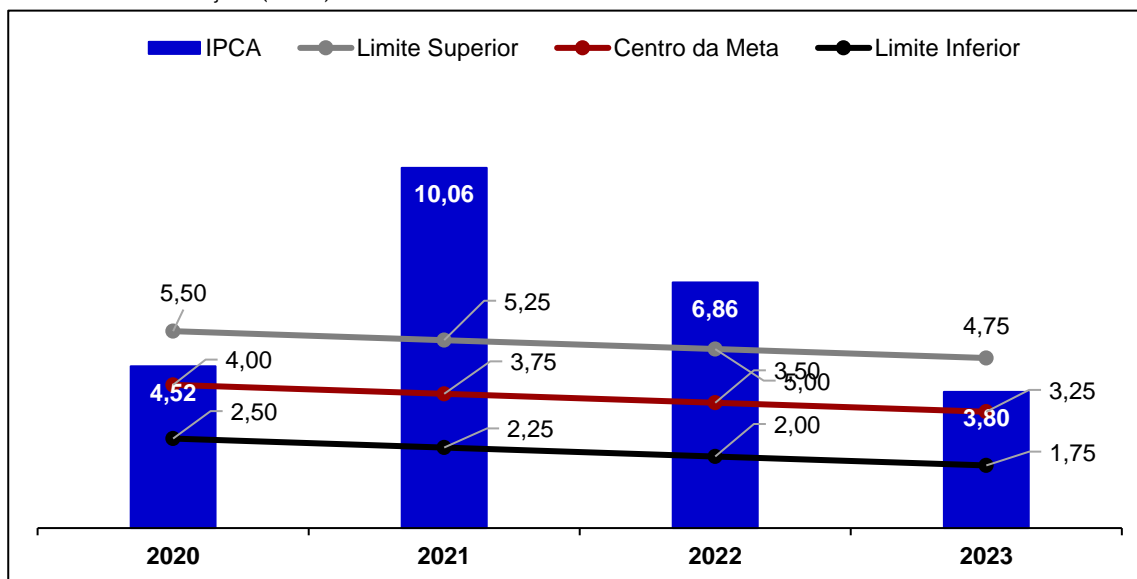


Fonte: Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

De acordo com o Gráfico 5 percebe-se que nos anos de 2021 e 2022, a inflação ultrapassa a meta inflacionária designada pelo Banco Central, fato esse que pode ser esperado e explicado por uma série de fatores como a alta do dólar e as restrições sanitárias aplicadas em muitos países decorrentes da Pandemia da Covid-19.

O impacto das mudanças climáticas na produção global, também afeta o processo inflacionário. Além do fato da economia atual passar por grandes tensões geopolíticas internacionais, como a guerra entre Rússia e Ucrânia, a dificuldade nas cadeias de produção depois da reabertura da economia em diversos países e as incertezas políticas no Brasil para este ano, também influenciaram os índices de preços no primeiro semestre. Já para 2023, o relatório FOCUS prevê uma meta de IPCA de 3,80%, com o Banco central tentando implementar medidas para tentar controlá-la em meio as instabilidades política e econômica.

Gráfico 5 - Inflação (IPCA) e Metas Inflacionárias - 2020 a 2023.



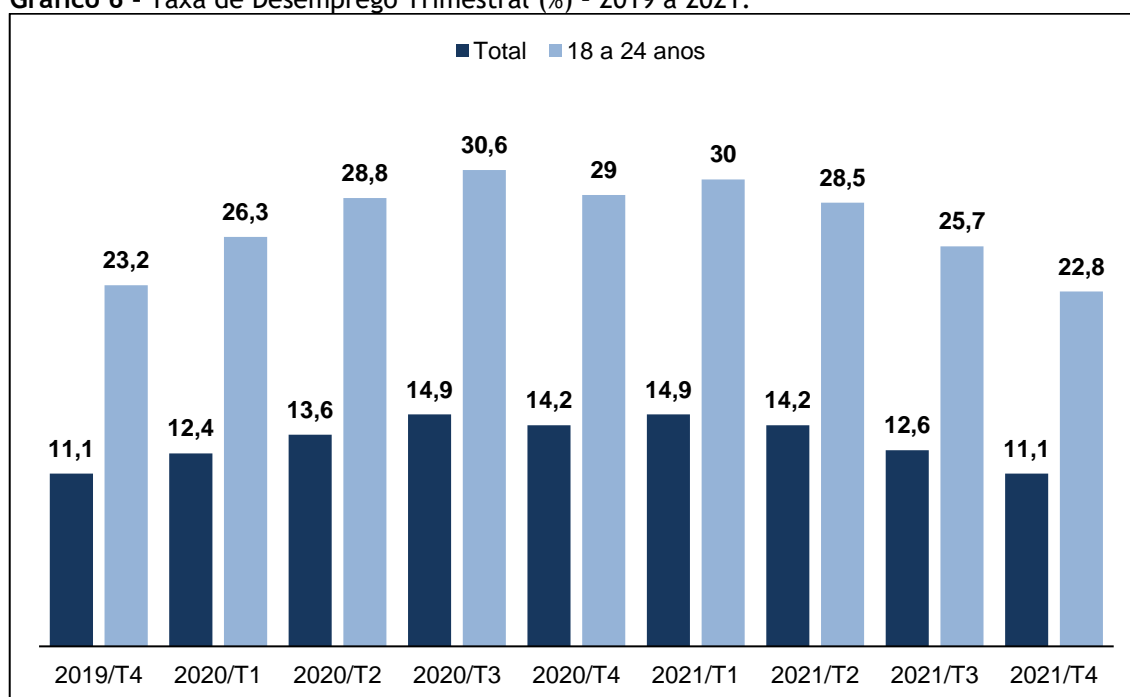
Fonte: IBGE e Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

A taxa de desemprego total apresentada no Gráfico 6 demonstra um movimento decrescente desde o primeiro trimestre de 2021, com o seu resultado de 11,1% no quarto trimestre de 2021 sendo menor comparado com o resultado do mesmo período do ano anterior, e igual ao resultado do período de 2 anos antes. Pode-se concluir uma redução ocorrida que equivale aos resultados obtidos antes do início da crise sanitária internacional que impactou o país, o COVID-19, com uma expectativa de que o movimento permaneça decrescente para as taxas de desemprego.

Já quanto o desemprego para a faixa etária de 18 até 24 anos, o movimento se apresenta similar, mas com dados percentuais bem mais altos, o histórico demonstra que essa parcela populacional é a de maior participação no desemprego total, por isso segue um movimento similar a da taxa de desemprego total. Seu movimento após o primeiro trimestre de 2021 é decrescente. O resultado do quarto trimestre de 2021 é o menor, desde o quarto trimestre de 2019.

O movimento crescente na taxa de desemprego, total e na faixa entre 18 a 24 anos, que ocorrera do quarto trimestre de 2019 até o terceiro trimestre de 2020 já foi invertida com os resultados obtidos durante o ano de 2021, com um movimento decrescente que nos aproxima as taxas do fim de 2019.

Gráfico 6 - Taxa de Desemprego Trimestral (%) - 2019 a 2021.

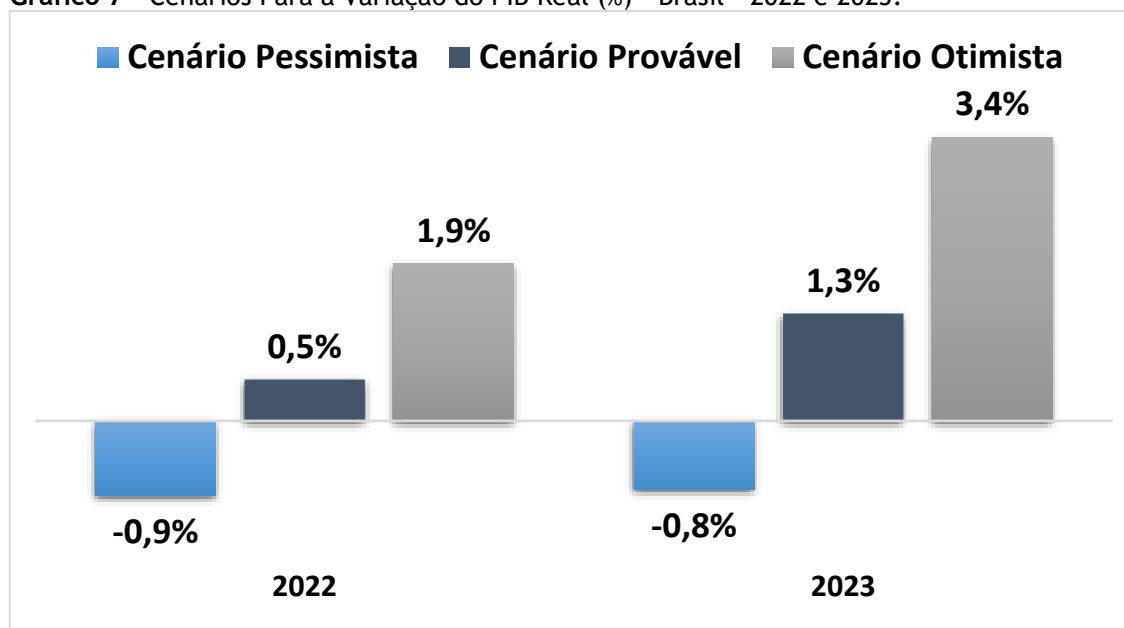


Fonte: IBGE-PNAD. Elaboração: Nupe/Unifor.

O PIB brasileiro no ano de 2022 vem apresentando um ritmo de crescimento lento tendo em vista a atual política monetária contracionista de aumento da taxa SELIC para reduzir a alta taxa de inflação, o que desestimula o consumo das famílias e o investimento das empresas. Outro fator que vem influenciando o atual cenário econômico é a guerra Rússia x Ucrânia, que impacta diretamente a balança comercial brasileira, dado que a Rússia é a maior fornecedora de adubos e fertilizantes para o mercado brasileiro, atingindo 25% das importações brasileiras. Isto impacta negativamente o setor da Agricultura brasileira, dado que poderá existir redução de oferta e aumento de custos relacionados aos fertilizantes importados para o cultivo.

Dado o comportamento conjuntural da economia brasileira recente, bem como as previsões de agregados macroeconômicos apresentados neste documento, o Nupe elaborou previsões para o PIB brasileiro, para os anos de 2022 e 2023, em três possíveis cenários (Gráfico 7). Após o crescimento verificado no ano de 2021 (4,65%), a economia do Brasil, para o cenário provável, registrará crescimentos de 0,5% e 1,3%, respectivamente para os anos de 2022 e 2023. No cenário pessimista espera-se retrações de 0,9% e 0,8%, respectivamente para 2022 e 2023, enquanto para o cenário otimista espera-se expansões de 1,9% e 3,4%, em 2022 e 2023, respectivamente.

Gráfico 7 - Cenários Para a Variação do PIB Real (%) - Brasil - 2022 e 2023.



Fonte: Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

CENÁRIO LOCAL

A retomada e aquecimento da economia cearense é possível de ser observada desde o último trimestre de 2020, e se acentuou durante todo o ano de 2021, fazendo com que o ano terminasse seu 4º trimestre com crescimentos acumulados expressivos nos mercados da indústria e no de serviços, sendo esses de 13,35% e 5,96%, respectivamente (Tabela 1). Por outro lado, houve um fechamento negativo no setor da agropecuária no quarto trimestre de 2021 (-0,55%).

O ano de 2021 foi um ano de retomada de crescimento econômico, onde a economia cearense registrou um forte crescimento de 6,63%, explicado em grande parte pelo reaquecimento dos setores da indústria e serviços, após o ano de 2020, no qual foi o período mais agravante da pandemia, onde as restrições sanitárias foram intensas nesses setores. Em 2022, a economia cearense vem sofrendo os efeitos negativos macroeconômicos causados pela política monetária restritiva de aumento da Selic para o combate do aumento inflacionário, afetando o consumo das famílias cearenses bem como os investimentos privados, além disso o atual período conflituoso, com a Guerra entre a Rússia e Ucrânia, vem afetando o comércio internacional, afetando as importações e exportações do Ceará. Por outro lado, o ano eleitoral tenderá a aumentar os investimentos governamentais, fortalecendo a economia estadual.

Tabela 1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 4º Trim. 2020 a 4º Trim. 2021(*).

Setores e Atividades	4º Trim. 2020 (**)	1º Trim. 2021 (**)	2º Trim. 2021 (**)	3º Trim. 2021 (**)	4º Trim. 2021 (**)	Ano de 2021 (*)
Agropecuária	1,41	0,32	-6,66	-8,06	-0,55	-4,71
Indústria	4,60	11,06	47,47	8,41	0,31	13,35
Extrativa Mineral	-34,31	-41,54	8,87	-18,68	-18,29	-21,08
Transformação	7,99	7,05	62,35	-4,33	-10,69	6,60
Construção Civil	11,66	10,09	37,47	6,41	12,12	15,06
Eletricidade, Gás e Água	-6,88	26,13	37,32	49,33	12,01	29,32
Serviços	-1,53	-0,31	15,77	5,35	4,18	5,96
Comércio	1,53	1,42	38,32	1,09	2,05	8,59
Alojamento e Alimentação	-15,20	-12,91	-4,11	1,26	-2,64	-5,00
Transportes	-3,48	-1,12	21,96	14,16	10,85	10,80
Intermediação Financeira	-0,25	2,18	18,49	4,74	3,32	6,73
Administração Pública	-1,62	-0,75	6,96	8,49	6,65	5,30
Outros Serviços	-8,29	-6,35	0,36	3,13	2,29	-0,25
Valor Adicionado (VA)	-0,33	1,98	18,27	4,78	3,38	6,67
PIB	-0,42	1,80	18,14	4,85	3,44	6,63

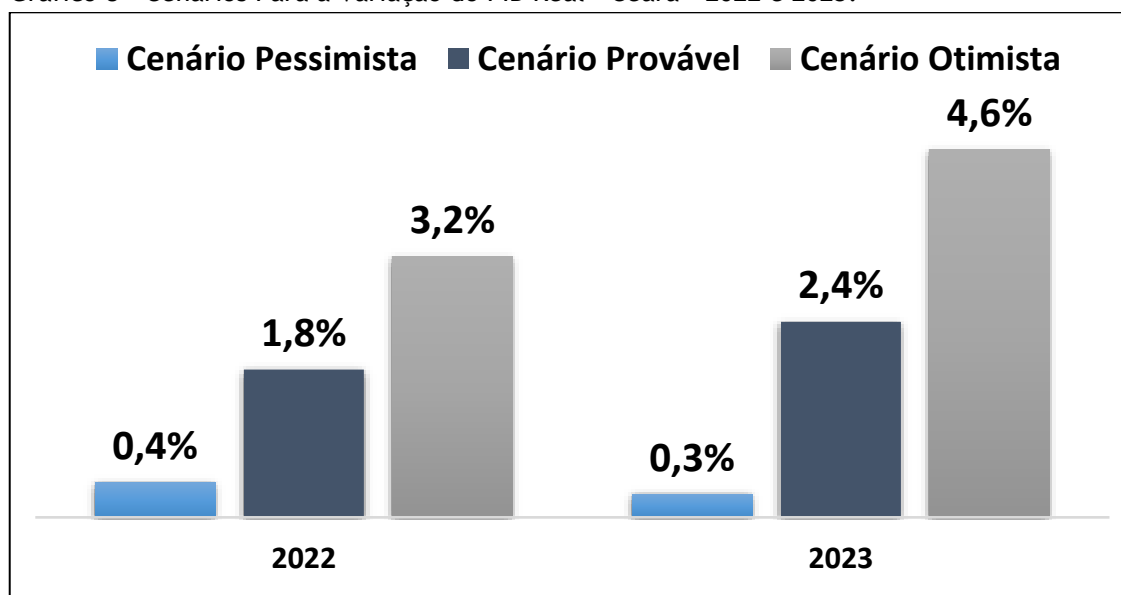
Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

De acordo com o comportamento do PIB do Ceará e de sua relação com o PIB do Brasil, bem como as análises conjunturais e os cenários apresentados neste documento, o Nupe elaborou previsões para o PIB cearense para os anos de 2022 e 2023, em três possíveis cenários (Gráfico 8). A economia cearense, para o cenário provável, registrará crescimentos de 1,8% e 2,4%, respectivamente para os anos de 2022 e 2023. Já no cenário pessimista espera-se um crescimento de 0,4% e 0,3%, respectivamente para 2022 e 2023, enquanto para o cenário otimista, espera-se um aumento de 3,2% em 2022, e um crescimento de 4,6% em 2023.

Gráfico 8 - Cenários Para a Variação do PIB Real - Ceará - 2022 e 2023.



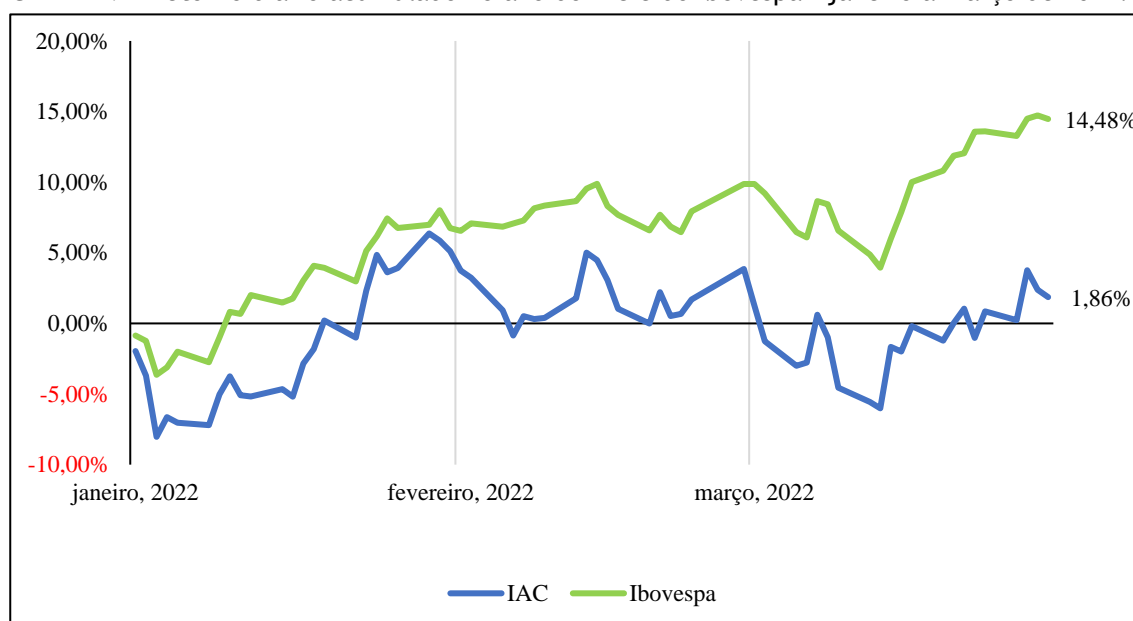
Fonte: IPECE e NUPE. Elaboração: Nupe/Unifor.

ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

Conforme o Gráfico 9, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações das empresas cearenses registradas em bolsas de valores, acumulou no período janeiro-março de 2022 uma alta com 1,86 pontos percentuais.

O índice Ibovespa, que é o indicador do desempenho médio das cotações das ações negociadas na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), acumulou nos três primeiros meses do ano de 2022 uma elevação de 14,48 pontos percentuais.

Gráfico 9 - Retorno diário acumulado no ano do IAC e do Ibovespa - janeiro a março de 2022.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Enquanto o Ibovespa encerrou o mês de março com alta de 6,06%, o IAC registrou valorização de 0,17%. No retorno acumulado dos últimos 12 meses, o IAC apresenta desvalorização de 15,07% enquanto o Ibovespa valorização de 2,98% (Tabela 2).

Conforme a Tabela 2, das nove ações que compõem o IAC seis apresentaram desempenho positivo no mês de março, com destaque especial para as empresas Grendene S.A (GRND3), Brisanet participações S.A (BRIT3) e M Dias Branco (MDIA3), com retorno mensal de 18,79%, 8,99% e 7,65% respectivamente.

Apesar de ter encerrado o mês com resultado positivo, a Brisanet (BRIT3) ainda continua com o seu retorno anual acumulado negativo em 19,52%. Em contrapartida, a empresa Grendene S.A continua mantendo sua posição positiva de retorno anual, acumulando rentabilidade de 15,49%. A empresa Hapvida (HAPV3), embora tenha encerrado o mês de março com resultado negativo de 2,39%, apresenta retorno anual positivo de 14,07%. Contudo, nos últimos 12 meses acumula desvalorização de 20,43%. Já a Pague Menos (PGMN3), apesar de ter encerrado o mês em queda de 12,11%, o seu retorno anual é positivo em 3,21%, e seu retorno acumulado dos últimos 12 meses também apresenta resultado positivo de 6,75%.

Tabela 2 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC - dezembro de 2021.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	6,06% ▲	14,48% ▲	2,98% ▲	-
IAC	0,17% ▲	1,86% ▲	-15,07% ▼	100,00%
AERI3	2,11% ▲	-11,45% ▼	-34,39% ▼	3,80%
ARCE	1,36% ▲	-16,84% ▼	-30,76% ▼	17,39%
BNBR3	1,21% ▲	-4,03% ▼	-1,41% ▼	4,69%
BRIT3	8,99% ▲	-19,52% ▼	-68,85% ▼	1,08%
COCE3	0,00% ▲	0,00% ▲	14,99% ▲	4,00%
COCE5	-7,16% ▼	-7,52% ▼	-3,71% ▼	3,93%
GRND3	18,79% ▲	15,49% ▲	26,46% ▲	6,93%
HAPV3	-2,39% ▼	14,07% ▲	-20,43% ▼	47,01%
MDIA3	7,65% ▲	-3,41% ▼	-19,80% ▼	5,84%
PGMN3	-12,11% ▼	3,21% ▲	6,75% ▲	5,32%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 30 de março de 2022.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Antonio Valdeci De Oliveira Filho
Camila Silva Barbosa
Carlos Eduardo Silva Moura
Catherine dos Santos Rodrigues
Felipe Vidal de Castro Mendonca
Iago Silveira Oliveira Silva
Jaylla Maria Saldanha da Silva
José Rafael de Souza da Rocha
Mario Victor Da Silva Soares
Matheus Freire Barros
Miguel Mangueira Tarabossi da Silva
Orlando Pontes Magalhães Filho
Rodrigo Lima Pires
Walter Souza Machado dos Santos Junior



**Universidade
de Fortaleza**

